

SÓCRATES E ALCIBÍADES NO BANQUETE DE PLATÃO: PAIDEIA¹ E RETÓRICA

SOCRATES AND ALCIBIADES IN PLATO'S BANQUET: PAIDEIA AND RHETORIC

Adriana Rodrigues Rebouças²

RESUMO: O presente artigo possui como objetivo uma análise exegético-filosófica sobre o discurso de Alcibíades, uma personagem emblemática, em um dos mais ricos diálogos platônicos, *O Banquete*. Dentre os motivos para uma investigação mais detalhada desse discurso arrebatador e dramático do Alcibíades platônico está o fato de que, embora se trate de uma obra com características anacrônicas onde Platão adota uma postura gradual e antecipatória do seu pensamento, comumente são feitas análises que não dão a devida atenção a essa questão. Essa desatenção se deve à centralidade dada ao discurso de Sócrates onde apenas esse é considerado como verdadeiramente filosófico. Partindo desse fato, a presente pesquisa faz uma investigação pormenorizada do elogio de Alcibíades a Sócrates a partir de perspectivas da retórica e da paideia, levando em consideração os princípios e aspectos paidéticos que o político ateniense defende em seu discurso.

PALAVRAS-CHAVE: Platão. Banquete. Alcibíades.

ABSTRACT: This article aims at an exegetical-philosophical analysis of Alcibiades' speech, an emblematic character, in one of the richest Platonic dialogues, *The Banquet*. Among the reasons for a more detailed investigation of this sweeping and dramatic speech by the Platonic Alcibiades is the fact that, although it is a work with anachronistic characteristics where Plato adopts a gradual and anticipatory posture of

¹ Paideia: formação da pessoa humana individual, educação do homem como tal, ou seja, educação devida às “boas artes” peculiares do homem, que o distinguem de todos os outros animais (AULO GÉLIO. Noct. Att., XIII,17)

² Possui graduação em Filosofia pela Universidade Estadual do Ceará (2003), especialização em Psicopedagogia pela Universidade Vale do Acaraú (2009) Mestranda em Filosofia pela Universidade Estadual do Ceará. E-mail: adriana.reboucas@aluno.uece.br

his thought, analyzes are commonly made that do not give due attention to this issue. This lack of attention is due to the centrality given to Socrates' speech, where only this is considered as truly philosophical. Based on this fact, this research makes a detailed investigation of Alcibiades' praise of Socrates from the perspectives of rhetoric and paideia, taking into account the paidetic principles and aspects that the Athenian politician defends in his speech.

KEYWORDS: Plato. Banquet. Alcibiades.

Introdução

Pretende-se apresentar neste trabalho a análise do discurso de Alcibiades que, diferentemente dos demais convivas que fizeram um elogio a Eros, decide elaborar um elogio a favor de Sócrates, registrando a relação erótico-paidética que havia entre ambos. Será abordado o aspecto paiderástico, a prática dos banquetes e seu importante papel para educação dos jovens gregos e como Platão apresenta a inversão de papéis no relacionamento pederástico entre Sócrates e Alcibiades.

O Banquete, uma das mais emblemáticas obras de Platão, foi composto por volta de 385 - 380 a. C. e trata da análise e definição de Eros. *O Banquete* acaba por se tornar uma disputa de palavras onde cada intelectual apresenta um discurso para elogiar *eros*. Agatão, um famoso poeta, que havia vencido um concurso de tragédias em Atenas decidiu oferecer um jantar em sua casa tendo como convidados representantes de todos os tipos de cultura da Grécia. Sobre a natureza desta obra comenta Jaeger:

Com o próprio título da obra Platão indica já que, ao contrário do que ocorre na maioria dos seus diálogos, ela não gira em torno de uma figura. Não estamos diante de um drama dialético como o Protágoras ou Górgias. E ainda menos podemos comparar a obras puramente científicas do tipo do Teeteto ou Parmênides, onde se expõe sobriamente o esforço realizado para resolver determinado problema. Na realidade o Banquete não é um diálogo no sentido usual, mas antes um duelo de palavras entre pessoas que ocupam todas uma posição elevada. (JAEGER, 1995, p. 721)

Será analisado o elogio de Alcibiades a Sócrates, que não descreve Eros, mas relata suas experiências amorosas com Sócrates.

A pesquisa é fundamentada em materiais bibliográficos, sendo o embasamento predominante na exploração de livros e periódicos que possibilitam obter hipóteses defensáveis sobre a problemática deste trabalho.

A fundamentação bibliográfica deste trabalho foi desenvolvida a partir da leitura de livros e artigos científico sobre o assunto pesquisado. Os autores selecionados para estruturação e desenvolvimento das afirmações apresentadas a partir da pesquisa sobre Sócrates e Alcibiades no *Banquete* de Platão: paideia e retórica são: Brazil (2021), Jaeger (2013), Nussbaum (2009).

A Prática dos banquetes

Segundo Jaeger (2013) os banquetes eram práticas antigas, no entanto há muito tempo o discurso filosófico não era praticado durante estes. Através de Platão os banquetes passaram a ter um novo caráter, isto é, passaram a se associar a escola filosófica transformando-os em um espaço de socialização entre mestres e alunos, pois anteriormente não acontecia dessa maneira quando essa prática possuía a finalidade de pontificar a autêntica *areté* masculina em palavras poéticas³ e cânticos.

O banquete era um dos principais eventos sociais, por esse motivo se tornou um ponto de encontro e de interação entre as pessoas, além da prática da *paideia* aos discípulos dos antigos filósofos. Os jovens eram reunidos no início da noite, seguindo regras cuidadosamente elaboradas e bem conhecidas. As regras do banquete deveriam ser seguidas devidamente. Inicialmente ocorria o *deipnon*, ou seja, a refeição comum em seguida vinha, o *potos*, ou seja, o consumo de bebidas, onde acontecia o *symposion* propriamente dito, principal característica do *Banquete*. O simpótico, gênero literário do século IV, surgiu a partir da prática dos banquetes.

³ JAEGER, Werner. Paidéia: a formação do homem grego. 2013. p.722

Preces, cânticos e libações ocorriam durante a passagem do jantar ao consumo de bebidas. Em seguida um programa era estabelecido, onde seria decidido se beberiam de modo moderado ou muito, qual assunto seria tratado, o qual deveria ser algo útil a sociedade. O primeiro orador era o autor do assunto escolhido. O proprietário da casa, onde ocorre o banquete, oferecia aos seus convivas espetáculos, como apresentações de flautistas, poetas, entre outros artistas.

Sobre estas características do banquete e a escolha de Platão por esta prática em uma de suas obras, declara Brazil:

A partir dessas referências histórico-sociais, pode-se compreender a relevância que tais comemorações possuíam na lógica de funcionamento da sociedade grega, sendo esse mais um elemento para fundamentar a escolha platônica de um banquete como pano de fundo para um de seus diálogos. (BRAZIL, 2017, p. 388)

Platão adota em sua escola a antiga prática social dos banquetes, através desta nova interpretação filosófica. Em sua obra *Leis* há tentativas de legalizá-la onde afirma que esta prática, juntamente com a embriaguez podem ser úteis para cidade desde que seja organizado como convém, do contrário a cidade pode ser levada a ruína. (PLATÃO, *Leis*, I, 638c).

Os banquetes devem ser organizados por um presidente abstêmio e sábio⁴, para orientar a embriaguez, pois caso contrário há possibilidades dos convivas se entregarem aos excessos. Para uma boa organização dessas reuniões se faz necessário que o chefe conheça a prática dos banquetes, caráter dos participantes, modelando a alma de cada um. Em toda reunião deve haver um presidente virtuoso.

O pensador ateniense Isócrates é um significativo exemplo daqueles que consideram o excesso de bebida uma das causas para a ruína dos jovens. Ele acredita que o mestre deveria estar sóbrio para passar o conhecimento aos seus discípulos⁵. Esta era a prática adotada em sua escola.

⁴ PLATÃO, *Leis*, I, 640 c-d

⁵ ISOCRATES, *Areopagítico*, 48-49

Ainda na obra *Leis*, Platão censura a educação espartana por conta da ausência da prática dos banquetes, considerando essa ausência um grava defeito. Nas palavras de Jaeger:

Na República, Platão declara-se partidário do costume espartano das refeições dos homens em comum, as *syssitias*, e nas *Leis* censura a ausência de banquetes como um dos mais destacados defeitos morais da educação espartana, que se preocupa com fomentar só a valentia e não o domínio de si próprio. A nova educação, tal como a Academia a praticava, não podia deixar de preencher esta lacuna. (JAEGER, 1995, P.723).

Segundo Werner Jaeger é necessário enquadrar totalmente o banquete no campo da educação. A educação em Platão é o único meio eficaz para o desenvolvimento pleno das potencialidades dos cidadãos e deve ser iniciada desde a infância até o fim da vida com o objetivo de adquirir virtudes. (JAEGER, 2013)

Poderíamos achar divertimento mais fácil e inofensivo, primeiro, para experimentarmos por meio dele essas paixões, e depois para vencê-las; um prazer mais apropriado a essa finalidade do que o uso de vinho nos banquetes, uma vez que nos cerquemos das cautelas necessárias? Para conhecermos o feitio intratável e selvagem de qualquer alma? Fonte de um sem - número de injustiças, não é o mais perigoso fazer a prova por meio da realização de algum negócio, com todos os riscos inerentes, do que ter essa pessoa por companheiro numa festa de Dionísio? (PLATÃO, *Leis*, I, 649 d-650 a)

Platão não trata apenas sobre a embriaguez pelo vinho, que ocorre nos banquetes, mas sobre a embriaguez em si mesma, isto é, a embriaguez proveniente dos prazeres que tornam o homem ignorante, medroso, sem discernimento, todos esses vícios corrompem a alma. Essa reflexão sobre a embriaguez da alma pelos prazeres, traz à tona a tese platônica sobre as potências da alma. No livro IV da República, há a afirmação que a alma é composta por três potências. Sobre isto comenta Lima Vaz:

A tricotomia da “alma” na República (Rep. IV, 436 a-441 c) que ordena as três partes: o racional (*tò logistikón*), o irascível (*tò thymoeidès*) e o concupiscível (*tò epithymetikón*) segundo a justiça (*dykaiosunê*), sendo regida cada uma pela sua virtude própria: a sabedoria (*sophía*), a coragem (*andreia*) e a moderação (*sophrosyne*), pode ser considerada uma transposição ao plano da paideia, ou seja, da educação do indivíduo para vida política justa, da polaridade entre o logo e o eros unificada na perspectiva da contemplação das ideias do Belo e do Bem. (Vaz, 2001p.36-37)

A paiderastia e a formação do homem grego

O termo “paiderastia”, que é a junção de outras duas expressões gregas - paîs (“criança”) e erân (“amar”), praticada em Atenas durante os séculos V a.C e início do século IV a.C possui sentido educativo. Tinha como principal objetivo a preparação do jovem para a inserção deste no seio da sociedade ateniense.

Em Atenas a prática da paiderastia possuía regras morais que deveriam ser severamente cumpridas. Dentre elas podemos citar a obrigatoriedade dos ensinamentos filosóficos, diferença de idade entre *erasta* e *erômeno*, sendo o mais velho responsável pela formação do mais novo, delimitação do envolvimento erótico, sendo inaceitável a prática da “hybris”⁶, termo intraduzível para língua moderna, podendo ser entendido atualmente como impulso irracional.

Na antiga Grécia a paiderastia era uma prática comum, por ter um papel pedagógico essa prática era aceita pelo Estado e masculinidade do homem não era posta à prova, no entanto isso não significava que o homem admitia se assemelhar a uma mulher. Caso isso ocorresse o homem seria ridicularizado socialmente e relegado a grupos sócias menos prestigiados.

Havia uma admiração pelos jovens, por estes possuírem características femininas, mas ao se tornarem adultos, homens essa posição deve ser abandonada, pois a mesma é considerada vergonhosa. A questão não era as características femininas e sim a submissão de um homem a outro.

Sobre as relações sobre *erasta* e *erômeno* declara Sousa:

O *erasta* era um cidadão com papel ativo na sociedade, geralmente com mais de 30 anos, homem experiente e que sentia brotar em si uma vocação pedagógica ao tornar-se mestre de seu amado. O *erômeno* era um jovem de idade variante entre 12 e 18 anos, filho de cidadão, que tinha o direito de “escolher” o mestre que o formaria, já que cabia ao *erômeno* aceitar ou não o convite do seu *erasta*. Devemos elucidar que as relações pederásticas ocorriam somente entre os cidadãos e futuros cidadãos de Atenas;(SOUZA, 2008, p. 18-19)

⁶ Hybris: os gregos entenderam qualquer violação da *norma da medida*, ou seja, dos limites que o homem deve encontrar em suas relações com os outros homens, com a divindade e com a ordem das coisas. (ABBAGNANO, 1998: 520)

O erômeno (amado) ao contrário do erasta (amante), não deve ceder aos seus desejos. Possui o dever de demonstrar sua força, principalmente no que diz respeito aos impulsos sexuais. Esta é uma regra basilar da paiderastia, na qual o erasta desempenha o papel de modelo. Deste modo o erômeno é gradativamente iniciado na vida adulta sendo capaz de ter autocontrole e tornar-se um cidadão útil a polis.

Desta maneira a pederastia é considerada uma peça importante na formação do homem grego, no que se refere a passagem do adolescente para a maturidade.

O elogio de Alcibíades e a inversão dos papéis

Na conclusão da obra *O Banquete* é notório a inversão dos papéis entre amante e amado, ou seja, entre Sócrates e Alcibíades. Mas, como de costume, já é próprio do Sócrates platônico a prática da inversão social no meio em que vivia, e nesta obra não o faz diferente, é ao mesmo tempo amado e amante, torna-se desejável por Alcibíades.

A relação entre erasta e erômeno será lida a partir desta inversão de papéis a partir da reflexão oferecida pela filósofa norte-americana Martha Nussbaum (2009)⁷ a qual não considera o discurso de Diotima, ainda que apresentado por Sócrates, como a representação definitiva do pensamento de Platão sobre o amor, no *Banquete*.

O discurso da Sacerdotisa Diotima, apresentado por Sócrates, possui uma visão unilateral e incompleta sobre o amor. Alcibíades em seu discurso promete complementar essa “visão” dizendo a verdade sobre Sócrates, isto é, sobre o amor.

De acordo com o “elogio de Alcibíades”:

- Eh! tu! - disse-lhe Sócrates - que tens em mente? Não é para carregar no ridículo que vais elogiar-me? Ou que farás? A verdade eu direi. Vê

⁷ NUSSBAUM, Martha. A fragilidade da bondade: fortuna e ética na tragédia e na filosofia grega. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

se aceitas! Mas sem dúvida! - respondeu-lhe - a verdade sim, eu aceito, e mesmo peço que a digas. - Imediatamente tornou-lhe Alcibiades. - Todavia faze o seguinte. Se eu disser algo inverídico, interrompe-me incontinenti, se quiseres, e dize que nisso eu estou falseando; pois de minha vontade eu nada falsearei.(214 e)

Nussbaum (2009, p.157) afirma ainda que no discurso de Alcibiades apresenta significativas contradições ao programa filosófico para ascese⁸ do amor desenvolvido por Sócrates. De um lado a eterna busca pelo autocontrole das paixões (pathè) e do outro a vulnerabilidade diante dos desejos.

8

Em relação ao ensino de Diotima a Sócrates afirma Nussbaum:

Em sua consideração do desenvolvimento da alma em direção ao entendimento mais pleno do bem, a ideia de uniformidade desempenha um papel crucial”. A uniformidade, que não deve ser confundida com padronização, é importante porque impulsiona o jovem amante a ir além da beleza corpórea individual, fazendo-o perceber outras belezas e levando-o a confrontá-las entre si, para que, mais tarde, possa alcançar o Belo em si. Nesse sentido, tornar algo uniforme significa buscar, em forma ascendente, a complementação, e não o aniquilamento. O amor, metaforicamente, seria a música composta pela harmonia entre diferentes notas, as quais, dispersas e isoladas, não fazem sentido. Ou, como na metáfora que trataremos logo adiante, o amor, na forma da busca humana pela sabedoria, garantiria visão semelhante àquela dada pela contemplação do oceano: a beleza corpórea individual sendo apenas uma ilha, cercada pelo mar do Belo em si. (NUSSBAUM, 2009, p. 157)

De acordo com Diotima o homem deve se libertar do amor individual e começar a questionar os valores e leis no qual fora educado. Mas para que isso ocorra é necessário que a ascese filosófica seja baseada em um processo formativo rígido. Deste modo, a dialética do amor está relacionada a paideia.

A partir da ascese filosófica apresentada por Sócrates pode-se perceber que é possível ter a liberdade de orientar o *Eros* que cada indivíduo possui na busca do conhecimento. Amante e amado possuem a liberdade de encontrarem o autocontrole em si mesmos, conhecendo o mundo e a si mesmo a partir das suas experiências, respeitando seus limites, suas fragilidades.

Segundo Brazil:

⁸ Ascese: Essa palavra significa propriamente exercício e, na origem, indicou o treinamento dos atletas e as suas regras de vida. Com os pitagóricos, os cínicos e os estoicos essa palavra começou a ser aplicada à vida moral na medida em que a realização da virtude implica limitação dos desejos e renúncia.

Seria possível falar de Eros, como se proporá a seguir, sem levar em consideração o descontrole das emoções, a irracionalidade dos mitos, o encanto das tragédias ou ainda a tradição religiosa por trás de todo esse contexto montado? A resposta que Platão parece nos apresentar no restante do diálogo é absolutamente clara: não! É inútil expulsar a flautista, se, antes do final do symposos, Alcibiades invade a cena em toda sua embriaguez. (BRAZIL,2017, p. 388)

O último discurso é o de Alcibiades. O jovem político chega ao banquete completamente embriagado, carregado pela flautista, e com sua forte dramaticidade não profere um elogio a *Eros*, mas descreve suas consequências ao declarar seu amor a Sócrates. Ao relatar sua experiência amorosa de forma prática⁹ acaba por bater de frente com o amor filosófico.

O desejo humano pelo o que é belo ocorre primeiramente no mundo sensível podendo atingir, desde que corretamente conduzido, sua realização mais expressiva e sofisticada. A experiência prática permite Alcibiades perceber Sócrates, seu mestre, de modo diferente na relação de dois amantes da sabedoria, ocorre a reciprocidade formativa entre erastes e erômeno possibilita a inversão de papéis entre eles.

A partir do posicionamento de comando de Alcibiades, Sócrates assume a posição de erômeno, e é exigido dele uma nova atuação na ascese filosófica do amor. É possível ensinar quando o mestre se coloca no lugar do discípulo, da mesma forma que este só consegue aprender de modo eficaz quando desejar ocupar o lugar do mestre.

Sobre o elogio de Alcibiades a Sócrates afirma Brazil:

Muito mais importante que uma suposta caracterização corpórea de Sócrates, o que alimenta o ideário cômico, o elogio de Alcibiades demonstra-se um reconhecimento do poder do discurso que Sócrates personifica. E esse discurso que Alcibiades irá caracterizar, a partir da descrição de seu erômeno, é aquele que apesar de dialeticamente construído e filosoficamente fundamentado, tem sua força na persuasão, na retórica, num forte elemento encantatório que extravasa o simples discurso racionalmente argumentado. (BRAZIL,2017, p. 388)

Considerações finais

⁹ Em seu comentário sobre *O Banquete* Goldschmidt (2002, p.220) defende que a fala de Alcibiades assinala o movimento descendente, remetendo-nos novamente ao mundo sensível.

Deste modo concluímos que a prática dos banquetes não consistia apenas em festas comemorativas onde seus participantes se reuniam afim de comer e beber, e sim, após o novo caráter dado a esta prática por Platão, fica estabelecida uma relação entre os banquetes e escola filosófica, sendo uma maneira de aproximar mestres e discípulos, havendo discussões sobre diversos assuntos, úteis a sociedade da época, com o objetivo de proporcionar aprendizado aos seus participantes. Sendo esta uma das principais ideias defendidas por Platão no processo de formação do homem grego.

No que diz respeito a prática da paiderastia na antiga Grécia Platão a considerava como um importante instrumento para educação dos jovens cidadãos proporcionando-lhes uma boa formação social para à vida política de Atenas.

Em sua obra *O Banquete* Platão pretende nos mostrar que o programa filosófico de ascese do amor proporcionada pela contemplação do amor não necessita elevar o homem a perfeição e eliminação das fraquezas diante dos descontroles emocionais e sim leva-lo ao conhecimento dessa carência. Alcibiades deseja nos mostrar que a contemplação da dialética do amor adquire um valor ético e formativo ao não se desvincular das vulnerabilidades humanas.

Referências

ABBAGNANO, Nicola. Dicionário de Filosofia: tradução Alfredo Bosi. - 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

BRAZIL, Vicente Thiago Freire. Imagem do feminino no Banquete de Platão: Sócrates e a Flautista. Revista kinesis, Marília, v. XIII, n. 35, p.384-396, 2021.

DALBOSCO, Claudio Almir. Ascese do amor e fragilidade da formação humana n'0

banquete, de Platão. Scielo Brasil, 2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ep/a/y44kjsxctpmYx7rYZ6cj8ww/?lang=pt>. Acesso em: 02/06/2022.

GOLDSCHMIDT, Victor. Os diálogos de Platão: estrutura e método dialético. São Paulo: Loyola, 2002.

GUTMAN, Guilherme. Amor celeste e amor terrestre: o encontro de Alcibiades e Sócrates em O banquete, de Platão. São Paulo, 2009.

JAEGER, W.W. Paidéia: a formação do homem grego. São Paulo: Martins Fontes, 2013.

NUSSBAUM, Martha. A fragilidade da bondade: fortuna e ética na tragédia e na filosofia grega. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

PLATÃO. O banquete. Tradução Carlos Alberto Nunes. Belém: UFPA, 2001.

_____. PLATÃO. A república. Tradução Carlos Alberto Nunes. Belém: UFPA, 2011.

_____. Simposio. Giovanni Reale (a cura) Editorial: Fondazione Lorenzo Valla - Arnoldo Mondadori Editore, Milano, 2001.

SOUSA, Luana Neres de. A PEDERASTIA EM ATENAS NO PERÍODO CLÁSSICO: RELENDO AS OBRAS DE PLATÃO E ARISTÓFANES. 2008. 113f. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal de Goiás, Goiás, 2008.

VAZ, Henrique C. de Lima. Antropologia filosófica: volume I. São Paulo: Loyola, 2001, 6ª edição.